

## METÁFORAS E *FRAMES* SOBRE A DOENÇA DE ALZHEIMER EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

### METAPHORS AND FRAMES ABOUT ALZHEIMER'S DISEASE IN SCIENTIFIC DISSEMINATION TEXTS

Suelen Martins<sup>1</sup>

Faculdade Arnaldo Janssen

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo mostrar, em matérias jornalísticas brasileiras e norte-americanas *on-line* de divulgação científica, o uso de metáforas e de *frames* na construção de estereótipos negativos que visam evidenciar uma noção da Doença de Alzheimer como um fardo e como uma guerra, por exemplo. Essas representações reforçam o discurso voltado para a eutanásia como uma solução para pacientes e para os familiares. O referencial teórico é composto por textos que tratam de metáfora conceptual, de metáfora primária, de Semântica de *frames*, *frame* e Doença de Alzheimer. O *corpus* é composto por matérias de divulgação científica sobre a Doença de Alzheimer de *sites* de jornais *on-line* brasileiros e norte-americanos e coletadas em um período entre janeiro de 2011 e julho de 2017. Os dados foram analisados com o auxílio de metodologia de análise metafórica adaptada de Stefanowitschi e Gries (2006), tendo a ferramenta *AntConc* como apoio para seleção e para compilação dos dados, assim como a *FrameNet* foi utilizada para compreender os *frames*. Com a análise, afirmamos ainda que as metáforas dão noção de que a doença tem alto alcance e são essas metáforas e *frames* que chamam a atenção para a situação de calamidade pública relacionada à Doença de Alzheimer. Concluímos que há uma imagem de desesperança veiculada à doença evidenciada como uma ladra de mentes e como um eterno funeral.

**Palavras-chave:** Doença de Alzheimer; metáfora; *frame*.

**Abstract:** This article aims to show the use of metaphors and frames in the construction of negative stereotypes in Brazilian and North American journalistic articles online for scientific dissemination that aim to highlight a notion of Alzheimer's Disease as a burden and as a war, for example. These representations reinforce the discourse focused on euthanasia as a solution for patients and family members. The theoretical framework consists of texts that deal with conceptual metaphor, primary metaphor, Frame semantics, frame and Alzheimer's disease. The corpus is made up of scientific dissemination articles about Alzheimer's Disease from Brazilian and North American online newspaper sites and collected in a period between January 2011 and July 2017. The data were analyzed with the aid of metaphorical analysis adapted from Stefanowitschi and Gries (2006), using the AntConc tool as a support for the selection and compilation of data, just as FrameNet was used to understand frames. With the analysis, we also affirm that the metaphors give a notion that the disease has a high reach and it is these metaphors and frames that call attention to the situation of public calamity related to Alzheimer's Disease. We conclude that there is an image of hopelessness conveyed to the disease, evidenced as a thief

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) Professora titular na Faculdade Arnaldo Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: susudaletas@yahoo.com.br.

of minds and as an eternal funeral.

**Keywords:** Alzheimer's Disease; metaphor, frame.

**Submetido em 16 de janeiro de 2021.**

**Aprovado em 25 de fevereiro de 2021.**

## Introdução

A Doença de Alzheimer é um dos tipos de demência<sup>2</sup>, sendo a mais comum de todas, de acordo com Cipriani *et.al.* (2011), e é uma enfermidade senil marcada pelo progressivo e irreversível declínio cognitivo, geralmente associada às pessoas idosas, ainda que haja relatos de pacientes acometidos por essa doença antes dos 50 anos. Essa doença foi descrita pela primeira vez, em 1906, pelo médico psiquiatra alemão Alois Alzheimer<sup>3</sup>. Segundo Cipriani *et.al.* (2011), em 25 de novembro de 1901, chegou ao Sanatório Municipal para Doentes Mentais e Epiléticos, em Frankfurt, instituição em que Alzheimer trabalhava como psiquiatra, uma paciente de 51 anos, Auguste Deter<sup>4</sup>, que, segundo seu marido, estava apresentando gradual declínio cognitivo e alteração em sua personalidade nos últimos 8 meses. A paciente apresentava como sintomas ciúmes em

---

<sup>2</sup> A demência é caracterizada por um quadro de declínio cognitivo associada à senilidade. Há mais quatro tipos de demência, sendo elas, a vascular, a com corpos de Lewy, a da Doença de Parkinson, a fronto-temporal. Segundo Cipriani *et.al.* (2011), a palavra “demência” vem do latim “sem mente”. Apesar de essa enfermidade ter sido posta como uma condição médica apenas no século XVIII, há relatos de declínio cognitivo em anciões na época da Antiguidade Clássica, como mostra Halpert (1983) e Torack (1983). Para Cipriani *et.al.* (2011), a conceituação da demência, no século XVIII, foi marcada por confusões, já que não era outrora associada a alguma idade ou a alguma causa. Por outras, um adulto jovem poderia ser considerado demente caso tivesse sérios problemas de ordem mental. A diferenciação entre a demência senil e outras desordens mentais ocorreu a partir dos estudos de Philippe Pinel e Jean Etienne Esquirol na primeira metade do século XIX.

<sup>3</sup> O médico Alois Alzheimer nasceu na cidade Markbreit, na Alemanha, em 14 de junho de 1864, e foi o segundo filho do casal Edward Alzheimer e Therese Busch. Segundo Cipriani *et.al.* (2011), Alzheimer estudou medicina em Berlim, Tübingen e Würzburg e, em 1887, defendeu sua tese *Sobre as Glândulas Ceruminosas da Orelha*. Em dezembro de 1888, assumiu um cargo no Asilo Municipal para doentes mentais e epiléticos em Frankfurt, trabalhando lá por 14 anos. Foi neste hospital que o médico encontrou Franz Nissl que, conjuntamente com Alzheimer, desenvolveu extensa pesquisa sobre a anatomia do córtex cerebral. Em 1904, o médico apresentou sua tese de pós-doutorado sobre "Estudos histológicos sobre o diagnóstico diferencial de paralisia progressiva" e, em novembro, ele foi nomeado professor na Faculdade de Medicina da Universidade Ludwig Maximilian. Em 1908, a Faculdade de Medicina de Munique concedeu-lhe uma cátedra de professor assistente. Em 1913, Alois Alzheimer foi hospitalizado e, em 1915, aos 51 anos, faleceu de doença renal e respiratória.

<sup>4</sup> De acordo com Cipriani *et.al.* (2011), Auguste Deter nasceu em 16 de maio de 1850 na cidade medieval alemã, Cassel. Foi alfabetizada e era capaz de fazer cálculos simples. Aos 23 anos, casou-se com Karl, um funcionário de ferrovia, tendo se mudado para Frankfurt após o casamento.

relação ao marido, fraqueza de memória, comprometimento psicossocial pronunciado, desorientação temporal e espacial. Em outros momentos, Deter tinha a impressão de que alguém queria matá-la e gritava muito no hospital. Com um quadro clínico bem debilitado, a paciente começou a apresentar um discurso desconexo e ininteligível e, no seu último ano de vida, já não saía do quarto em que se encontrava e ficava o tempo todo com as pernas erguidas. Ela veio a falecer em 1906, em decorrência de uma septicemia; porém, na ocasião de sua morte, o doutor Alzheimer já não estava trabalhando no sanatório.

Na construção de textos de divulgação científica, fica evidente que o divulgador (um jornalista) privilegia certas metáforas como uma importante ferramenta na construção do processo de reformulação do conhecimento científico em conhecimento popular em textos divulgativos, quer dizer, é uma maneira de trazer à luz descobertas, fenômenos, procedimentos de cunho técnico na área da saúde e impressões sobre a doença e os pacientes. A metáfora seria um aspecto da cognição humana. Lakoff e Johnson (1980, p. 46, tradução nossa<sup>5</sup>) sustentam “[...] que as metáforas estruturam parcialmente nossos conceitos cotidianos e que essa estrutura se reflete em nossa linguagem literal.” Afirmamos assim que o nosso pensamento, nosso sistema conceptual ordinário é amplamente metafórico e define nossas realidades diárias. O uso de metáforas, então, pode evidenciar a utilização por um enquadre, quer dizer, um *frame* sobre a Doença de Alzheimer, o que pode interferir no processo de construção de significado sobre essa enfermidade. No caso, neste artigo, enfatizamos o enquadramento da doença relacionado à noção de fardo, de guerra, de um interminável funeral.

Dessa maneira, o estudo em questão é estruturado em torno de um *corpus* composto por matérias de divulgação científica *on-line* sobre a Doença de Alzheimer publicadas em jornais brasileiros e norte-americanos (*cf.* seção Percurso Metodológico) entre janeiro de 2011 e julho de 2017. Almejamos, então, investigar como o uso das metáforas cognitivas e dos *frames*, nesses textos de jornal, constrói estereótipos negativos, intensifica discursos em torno da calamidade pública envolvendo a Doença de Alzheimer, espalha midiaticamente uma noção de desesperança quanto à cura da enfermidade e, por consequência, reforça a emergência pela eutanásia como solução para o problema. No intento de compreender essas questões, lançamos mão de pressupostos

---

<sup>5</sup> No original: “that metaphors partially structure our everyday concepts and that this structure is reflected in our literal language.”

teóricos instituídos por Lakoff e Johnson (1980), Grady (1997), Fillmore (1982, 2006), Kirkman (2006), Van Gorp e Vercruyse (2012), Johnstone (2014) e Peel (2014).

A hipótese levantada neste trabalho é a de que as metáforas conceptuais e os *frames* relacionados aos *corpora* brasileiro e norte-americano se assemelhariam, na construção de uma imagem negativa sobre a doença, pois, apesar das diferenças culturais e contextuais entre Brasil e Estados Unidos, as experiências corpóreas observadas nesses dois países poderiam ser comuns devido à motivação cognitiva sobre essa doença ser parecida nos dois países. Ademais, o modelo biomédico nortearia a medicina tradicional e, conseqüentemente, a divulgação científica nas duas culturas e a representação sócio-cultural do que é uma doença. Por exemplo, o padrão biomédico contemporâneo e ocidental é calcado em metáforas do domínio GUERRA, por exemplo. As metáforas e os *frames* comuns, nas mídias brasileira e norte-americana, podem revelar convenção na utilização das metáforas por parte do jornalista divulgador, já que o modo de produzir matérias no Brasil, mesmo sendo local, estaria atrelado a uma articulação global voltada para o modelo biomédico, o que revelaria uma forma partilhada de fazer divulgação científica relacionada ao tratamento negativo dado pelos meios de comunicação em massa no que tange a essa doença.

Desse modo, essa investigação justifica-se, pois, muitos estudiosos brasileiros e estrangeiros<sup>6</sup>, em suas pesquisas, fazem menção à importância das metáforas para estudos sobre doenças<sup>7</sup>; outros autores apontam para averiguação de metáfora, *frames* e Doença de Alzheimer<sup>8</sup>; outros apontam estudos sobre a importância das metáforas para a transposição de um conhecimento especializado para um conhecimento comum em suas pesquisas. Todavia, notamos que nenhum deles se debruça sobre a importância de verificar como, em jornais *on-line*, as metáforas e os *frames* são utilizados por jornalistas para construir representações negativas sobre a Doença de Alzheimer. Dessa forma, esse estudo se justifica, pois a maioria dos trabalhos com periódicos tematiza metáfora no processo de divulgação científica de outras doenças, com mais relevo para o câncer, ou expõe aspectos metafóricos relacionados à Doença de Alzheimer sem, entretanto, mencionar como esse fenômeno ocorre na divulgação científica observada em dois jornais de distintas culturas de maneira similar no que tange a construção de discursos

---

<sup>6</sup> Gwyn (1999).

<sup>7</sup> Faria (2007); Costa-Junior (2014).

<sup>8</sup> Morato e Siman (2015).

desqualificadores sobre a doença e sobre os pacientes. Poucos são os investigadores que se interessam por debater metáforas relacionadas às doenças degenerativas do cérebro em textos divulgativos e nisso, precisamente, consiste a contribuição dessa pesquisa.

## 1. O que é a Doença de Alzheimer

A Doença de Alzheimer, resumidamente, é um tipo de demência caracterizada por visíveis lesões cerebrais e por uma perda de funções cognitivas. Atualmente, afirmamos que, apesar dos esforços de estudiosos sobre essa ela, essa enfermidade persiste com etiologia desconhecida, apesar de se reconhecer que se trata de uma doença multifatorial. Dessa forma, segundo Barreto (2013), os fatores que contribuem para a instauração da doença são resultado da interação entre fatores relacionados à genética, ao ambiental, ao estilo de vida e ao contextual – casos de acidentes que envolvem o cérebro do indivíduo. Doenças cardiovasculares, colesterol alto, tabagismo, ausência de atividades físicas e má nutrição são fatores de risco em potencial para o desenvolvimento da Doença de Alzheimer.

A Doença de Alzheimer atinge majoritariamente indivíduos com mais de 60 anos e, apenas 10% dos casos, de acordo com pesquisa feita por Woodard (1966), apresentaram a doença antes dessa idade. Dados recentes de 2012, segundo Barreto (2013), têm mostrado, no entanto, a ocorrência tardia da Doença de Alzheimer, em indivíduos com mais de 65 ou 70 anos, o que pode ter relação com a mudança do estilo de vida das pessoas do século XXI.

Do ponto de vista macroscópico, essa doença é caracterizada pela atrofia da formação do hipocampo<sup>9</sup> e do córtex cerebral<sup>10</sup> envolvendo primariamente o córtex fronto-temporal<sup>11</sup>, combinado com o alargamento ventricular. Além disso, essa enfermidade, segundo Alves *et.al.* (2012), tem como propriedade microscópica a presença combinada de placas extracelulares contendo  $\beta$ -amilóide<sup>12</sup> e numerosos

---

<sup>9</sup> Estrutura cerebral localizada nos lobos temporais responsável pela transformação da memória de curto prazo em memória de longo prazo. É também uma estrutura associada à navegação espacial.

<sup>10</sup> Camada mais externa do cérebro dos vertebrados, rica em neurônios, que desempenha funções neuronais sofisticadas como memória, atenção, consciência, linguagem, percepção e pensamento.

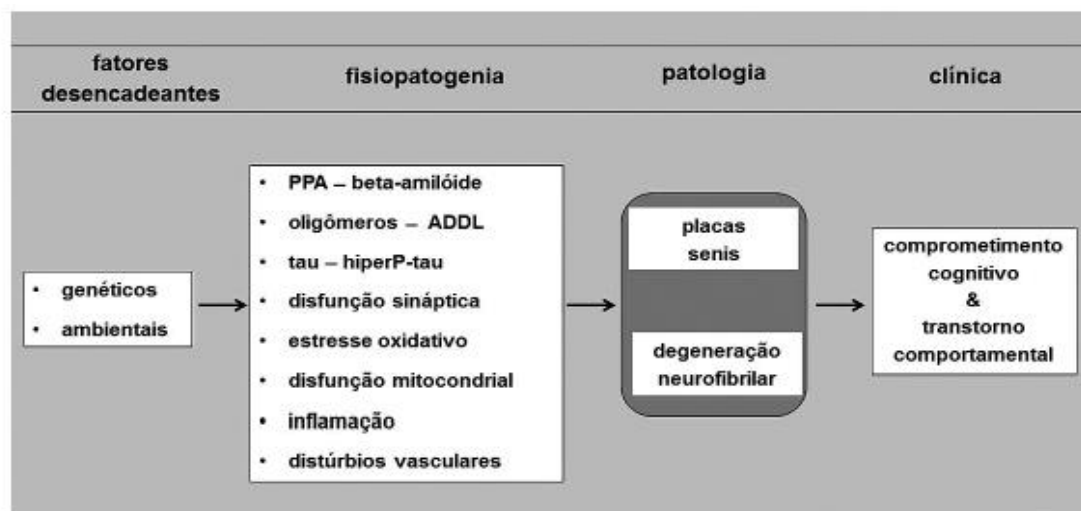
<sup>11</sup> Envolvido no planejamento de ações e movimentos, bem como é responsável pelo pensamento abstrato.

<sup>12</sup> Peptídeos com 36-43 aminoácidos. Produto natural do metabolismo da proteína precursora da amiloide.

emaranhados neurofibrilares (NFT)<sup>13</sup> intraneuronais, sendo essa formada por proteína tau<sup>14</sup> anormalmente hiperfosforilada.

A seguir apresentamos o esquema 1 promovido para mostrar a sequência de eventos causadores da Doença de Alzheimer.

**Esquema 1:** Sequência de eventos na fisiopatologia da Doença de Alzheimer, dos fatores desencadeantes às manifestações clínicas



**Fonte:** Cavalcanti e Engelhardt (2012)

A Doença de Alzheimer é caracterizada também pela perda de sinapses, perda de neurônios, pelo acúmulo de peptídeos beta-amilóides extraneuronais, o que forma as placas senis; e pelo amontoado de proteínas tau que formam os emaranhados neurofibrilares. De acordo com Cavalcanti e Engelhardt (2012), no entanto, o desenvolvimento da doença ocorre há mais de uma década antes do aparecimento dos primeiros sintomas. Um dos primeiros sintomas físicos da Doença de Alzheimer é a diminuição do peso e do volume do cérebro do paciente, além de notar, segundo Cavalcanti e Engelhardt (2012, p. 22), “[...] a perda dos prolongamentos neuronais e comprometimento do seu entorno [...]. Ocorre o comprometimento da conectividade, do metabolismo e da capacidade de recuperação neuronal”. O resultado desse quadro é a perda cognitiva e comportamental.

<sup>13</sup> Rede de filamentos compactos encontrados no hipocampo, compostas por proteína tau.

<sup>14</sup> Resultante do desequilíbrio entre sistemas de proteínas cinases (enzimas que transferem grupos fosfatos de moléculas doadoras de alta energia, como ATP, para moléculas-alvo específicas, substratos, e proteínas fosfatases (enzimas que removem um grupo fosfato do seu substrato ao hidrolisar os ésteres monofosfóricos de ácido fosfórico).

## 2. Metáforas conceituais e hipótese da metáfora primária

Começamos as nossas ponderações em Semântica Cognitiva com a apresentação das ideias do texto seminal *Metaphors we live by (Metáforas da vida cotidiana)*, de Lakoff e Johnson (1980), cuja importância foi apresentar a metáfora como mecanismo típico da mente, oriundo das experiências com o ambiente e com o corpóreo, visão diferente da apregoada por Aristóteles, que tratava a metáfora como mero ornamento do discurso. Sendo assim, a metáfora é representação mental/cognitiva, portanto, abstrata e inconsciente, motivadora da formulação de expressões metafóricas, convencionais e culturais.

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) representa um marco dos estudos atuais em metáfora, mesmo que saibamos que abordagens mais recentes sobre metáfora e discurso, em textos autênticos, assim como a abordagem empírica, baseada em estudo de *corpus*, vêm ganhando a escolha de pesquisadores como marco teórico. Aliás, uma das críticas feitas à TMC diz respeito à descontextualização das suas reflexões, seu pretenso universalismo cognitivo e a ausência de uma reflexão metafórica a partir de textos autênticos. Além disso, a TMC é criticada por não apresentar uma metodologia de análise, o que impõe ao analista a formulação de uma metodologia para dar conta das análises em metáfora. Não podemos, no entanto, compactuar com essa noção, já que, em nosso entendimento, Lakoff e Johnson (1980) partiram de dados, de expressões linguísticas para aferir a sistematicidade e o estabelecimento de metáforas na língua, quer dizer, não fizeram afirmações do nada sobre metáforas conceituais. Os autores não tomaram como referência uma idealização de metáforas para procurá-las na língua como alguns críticos parecem acreditar.

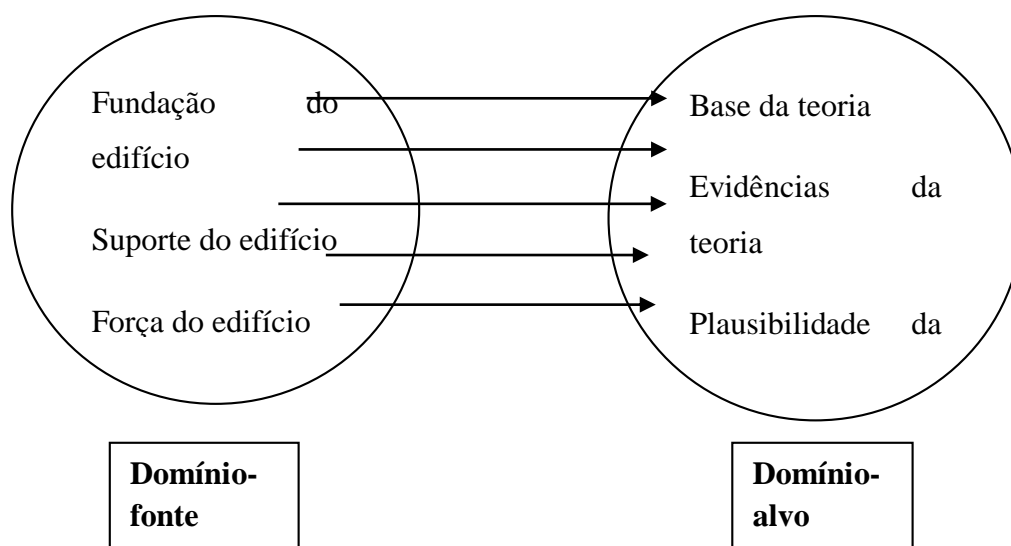
Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora estaria instaurada a partir do domínio-fonte – mais concreto, mais próximo de nossas experiências – e do domínio-alvo – mais abstrato. Vemos que o domínio-fonte estabelece os padrões de inferência para pensar o domínio-alvo. Dessa relação entre domínios, emerge o mapeamento que, segundo Silva (2011), no sentido matemático da palavra, é delimitar os conceitos do domínio-fonte para entender o domínio-alvo. Para o analista que visa, a partir das expressões linguísticas, compreender as metáforas, o mapeamento serve para entender itens lexicais

incongruentes<sup>15</sup> semanticamente. A título de exemplificação, vejamos a seguinte expressão linguística retirada de Lakoff e Johnson (1980, p. 46):

**(1) A teoria precisa de mais apoio.**

A metáfora conceptual deduzida a partir dessa expressão linguística é TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS<sup>16</sup>, em que o domínio-fonte é CONSTRUÇÃO, enquanto TEORIA é o domínio-alvo em que ideias como “fundação” e “parte externa” ajudam na construção do significado do que é uma teoria. Do ponto de vista do mapeamento que serve para exemplificar a metáfora conceptual, os componentes de cada domínio da experiência (fonte e alvo) ficam assim expressos como mostra o esquema 1 a seguir:

**Esquema 2:** Mapeamento TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS



**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Lakoff e Johnson (1980)

Nossa experiência concreta, física e perceptual de construção de edifícios nos ajuda a compreender um conceito mais abstrato, que é a teoria, o que justifica a motivação sensorio-motora desse recurso cognitivo e nos aproxima de umas das características da metáfora – a unidirecionalidade. Segundo Lakoff e Johnson (1980), esse princípio, a

<sup>15</sup> Privilegiamos o uso do termo “incongruente”, respeitando a escolha teórica aqui adotada, mesmo com a ciência de que, em termos de análise metafórica, seria mais adequada usas “projeção”, “semelhança” ou “aproximação” semântica.

<sup>16</sup> A metáfora é sinalizada em caixa alta.



estrutura do domínio-fonte, é projetada apenas no domínio-alvo e não o contrário. Isso significa afirmar que é possível se referir à teoria a partir da ideia de edifício, mas não é possível se referir a edifício a partir da noção de teoria.

A fim de complementar as noções de Lakoff e Johnson (1980), Grady (1997), em sua dissertação *Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes* (*Fundamentos do Significado: Metáforas Primárias e Cenas Primárias*), formulou uma hipótese teórica, a da metáfora primária. Esse autor, a partir de lacunas deixadas pela Teoria Conceptual da Metáfora, de Lakoff e Johnson (1980), como a afirmação de que há correspondência entre os domínios-alvo e fonte, formula sua hipótese, no intuito de aperfeiçoar os estudos cognitivos da metáfora. O princípio da metáfora primária parte da concepção de que elas estão ancoradas em nossa experiência corpórea, já que temos um corpo no mundo em que habitamos, e essa ancoragem ocorre por meio de cenas primárias. Em termos de domínios, Grady (1997) postula que o domínio-fonte é promovido pelo sensorial, sendo assim só o que conhecemos, por via da experiência, serve como domínio; na perspectiva da metáfora primária, só é domínio-fonte o que deve se referir ao universal da experiência humana. De acordo com Lima (2006), o domínio-alvo, a saber, tem mesma base experiencial do domínio-fonte, contrapondo-se à noção de domínio-alvo, na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, segundo a qual o domínio-alvo deveria ser pouco familiar, mais abstrato e mais dependente de um domínio-fonte.

Interessa-nos afirmar que as metáforas primárias seriam contempladas como universais, uma vez que todo ser humano, segundo o precursor da Hipótese da Metáfora Primária, tem o mesmo tipo de corpo-mente e compartilha de um mesmo tipo de ambiente. Sabemos, porém, da fragilidade dessa postulação, uma vez que, para se afirmar isso, é necessário um trabalho de investigação sobre várias línguas. Esse trabalho mais abrangente confirmaria ou não a possibilidade de as experiências primárias serem realmente atestadas igualmente em todas as línguas. Em nossa pesquisa, vimos paridade a partir de expressões metafóricas que deixam transparecer metáforas primárias, mas não nos arriscamos a afirmar que há universalidade delas nas línguas que analisamos. Além disso, essa universalidade acaba por minimizar a influência da cultura na constituição metafórica. Para exemplificar a hipótese de Grady (1997), segue o exemplo (2) a seguir:

(2) Um simples exame de sangue pode detectar, com pelo menos cinco anos de antecedência, o Mal de Alzheimer antes mesmo que os sintomas comecem a aparecer. (O GLOBO, 2011, t.x.t.).

O trecho sublinhado deixa transparecer a metáfora primária EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE que, de acordo com Grady (1997), se estabelece com a relação entre um objeto, nesse caso uma patologia, e sua presença no campo de visão, isto é, no campo de alcance de diagnóstico dos pesquisadores ou dos médicos que diagnosticam a doença. Essa metáfora não é apenas associada à forma de conceptualização sobre essa doença. Sendo assim, essa metáfora é associada à Doença de Alzheimer devido ao contexto em que essa enfermidade fica perfilada avaliativamente, na linha de concordância, um de nossos critérios metodológicos. A motivação dessa metáfora estaria no acionamento de uma experiência corpórea, no caso, o sentido da visão, que ajuda a conceber algo que está na nossa realidade, uma doença diagnosticada. Ter noção de como a doença se instala, de como ela ocorre e é vista evoca uma noção positiva de que pode haver esperança de curá-la ou de tratá-la.

Em suma, acreditamos que a metáfora primária é uma continuidade da TMC tanto que foi incorporada às reflexões de Lakoff e Johnson (1999). Sendo assim, cremos que essa incorporação, responsável pelo que notamos como metáfora cognitiva, possa ser benéfica para a abordagem dos nossos dados. Nesse contexto, Ciapuscio (2011), Cassany, López e Martí (2000) partem da ideia de que o conhecimento científico é uma rede intrínseca de conhecimentos especializados em que cada nó ou unidade (referente a um elemento da realidade) está relacionado a outro nó. Para interconectar esses nós, as metáforas estariam a favor da suavização da assimetria de conteúdos científicos e não científicos como afirma Ciapuscio (2011). Observamos que, nos dados em que há exploração de colocados que denotam a experiência corpórea que temos com o mundo, o aporte das metáforas primárias justifica nossa análise.

## **2.1. Metáforas e doença**

Os textos básicos de referência sobre metáfora e doença são os ensaios de Sontag (1984, 1989), já que foi ela quem primeiramente discutiu como doenças são postas metaforicamente e como esse fato pode gerar estigmas em torno desse uso. Sontag

(1984)<sup>17</sup> contribuiu para a discussão sobre as metáforas, a partir da comparação entre a tuberculose e o câncer em materiais literários, avaliando-as muitas vezes como estigmatizantes e punitivas (são um castigo) para o paciente. Posteriormente, Sontag (1989)<sup>18</sup> discute as metáforas sobre Aids. Segundo ela, as metáforas geram preconceito e, dessa forma, devem ser evitadas, a fim de trazer dignidade aos enfermos. Notamos, no entanto, que atualmente o uso de metáforas para se referir à doença tem se tornado cada vez mais frequente e não escasso, uma vez que essa utilização é tida como facilitadora do entendimento sobre a enfermidade. Mesmo rejeitando as metáforas que estigmatizam, a autora abriu brechas para a reflexão em estudos metafóricos em textos científicos e de divulgação científica.

Sobre as patologias, é estabelecido, no livro de Sontag (1984), um paralelo; a tuberculose é posta como doença tratada à luz das metáforas no século XVIII, enquanto o câncer foi tratado metaforicamente no século XIX, ambas as patologias como intratáveis, estigmatizadas e responsáveis por “consumir o corpo. O câncer, nesse contexto, foi exposto como uma doença misteriosa, uma vez que os sintomas só aparecem em último estágio, uma doença que podia se espalhar por qualquer parte do corpo, quer dizer, uma enfermidade generalizante. Além disso, o câncer é retratado, na obra, como uma doença de quem teria poder aquisitivo; já a tuberculose era uma doença de um único órgão, o pulmão, rica em sintomas, também desmaterializante e desintegrante, típica das pessoas pobres e privadas de recursos.

Além do mais, para Sontag (1984, p. 19), as doenças estão envolvidas por mitos, sendo que “[...] a tuberculose produz períodos de euforia, aumento do apetite e exacerbação do desejo sexual. [...]. Quanto ao câncer, considera-se que ele dessexualiza.” As doenças são apresentadas sob o viés da sexualidade e isso reforça a representação da tuberculose como patologia de quem é tomado por paixões, enquanto o câncer é típico dos privados de sentimentos apaixonados, é doença de quem é reprimido. Uma das limitações do trabalho de Sontag (1984) foi não ter apontado qual perspectiva teórica sobre o estudo da metáfora norteou sua análise com o intuito de inventariar as metáforas encontradas.

Sontag (1989) reflete sobre as metáforas relacionadas à Aids, justificando que sua escolha teórica é pelos pressupostos de Aristóteles. As metáforas relacionadas à Aids são

---

<sup>17</sup> No original: SONTAG, S. *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1984.

<sup>18</sup> No original: SONTAG, S. *Aids and its metaphors*. London: Penguin, 1989.

do domínio GUERRA, mostrando como o vírus é um invasor que enfraquece o organismo do paciente num progresso lento. Notamos que a observação de Sontag (1989) é muito articulada com a realidade de nossos dados, uma vez que, mesmo se tratando de uma doença de natureza diferente, no nosso caso Doença de Alzheimer, persiste, nos jornais on-line, a apresentação dela da mesma forma que uma doença infecto-contagiosa como a Aids. Mudam-se os tempos, mudam-se as doenças, mas as metáforas do domínio GUERRA persistem como forma de efetivar um modelo cognitivo idealizado negativo e estigmatizante de doença. Diferentemente do que foi apontado no ensaio de 1984, Sontag (1989) tira da Aids a atmosfera romântica típica da tuberculose, pelo contrário, a doença é transvestida pelo estigma da culpa, uma vez que a transmissão da doença é via sexual, o que dá uma conotação de excesso ou perversão sexual do paciente com a enfermidade, segundo a autora. Outra forma de se referir à Aids, uma epidemia nos anos de 1980, é por via da metáfora da “peste”, segundo Sontag (1989). Um dos pontos frágeis do ensaio de 1989 foi a ausência de exemplos que pudessem respaldar a reflexão dela sobre as metáforas relacionadas à Aids.

Por fim, Semino (2008), Semino *et.al.* (2015), Demmen *et.al.* (2015), Semino, Demjén e Demmen (2016) e Semino e Demjén (2017) trazem contribuições sobre as metáforas do câncer a partir de corpus autêntico e específico – relatos de pacientes em fóruns on-line sobre a doença, relatos de médicos e profissionais de saúde, como cuidadores de pacientes com câncer, textos de comunicação pública da ciência. Esses trabalhos se diferem daquele desenvolvido por Sontag (1984), devido à utilização de metodologia quali-quantitativa, com o aporte de software, baseado nos pressupostos da Linguística de *Corpus* em conjunto com as reflexões provenientes da Linguística Cognitiva. Esses estudos trazem contribuição para outros pesquisadores sobre doenças e divulgação científica por terem base empírica consolidada.

### 3. *Frames*

A noção de *Frames* foi vaticinada, em primeira instância, por Fillmore (1982) e partiu da estrutura e da semântica lexical para inicialmente estudar os verbos e suas valências sob uma perspectiva sintática. Essa semântica tem relação com uma forma particularmente não composicional, ou seja, não referencial, dentro da perspectiva empirista, de analisar significados, assim como formular outros novos significados a

partir de conhecimentos do sujeito por meio das experiências dele com o mundo e com a linguagem.

Os *frames* ou molduras, como alguns estudiosos preferem, são “[...] qualquer sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles você tem que compreender toda a estrutura na qual ele se encaixa” (FILLMORE, 2006, p. 373, tradução nossa<sup>19</sup>). Essas estruturas permitem a formulação de espaços mentais compreendidos como esquemas em que se manifestam as ações cognitivas e ajudam a constituir os domínios.

Reforçamos que cada cultura teria o seu conjunto de *frames* e, segundo os postulados de Fillmore (2006),

[...] o *frame* ou o fundo contra o qual o significado de uma palavra é definido e compreendido é proveniente de uma grande fatia da cultura circundante, e esta compreensão de fundo é mais bem entendida como um “protótipo” do que como um genuíno corpo de suposições sobre o qual o mundo se assemelha [...] (FILLMORE, 2006, p. 379, tradução nossa<sup>20</sup>)

O excerto acima é respaldado pela lógica do *frame* de descrever significados, tendo como fundamento todo um sistema de categorias prototípicas formadas a partir do contexto em que o sujeito se encontra e experimenta as coisas do mundo. As próprias categorias são dependentes do contexto. O que Fillmore (2006) propõe, com a Semântica de *Frames*, é uma análise da estrutura cognitiva em que a palavra evoca um *frame*, fruto da prototipicidade regulamentadora, que, por sua vez, é decorrente da experiência sensório-motora. Neste estudo, deduzimos um *frame* a partir dos colocados, que analisamos como metafóricos, relacionados ao nosso nóculo referência “Alzheimer”. É nesse processo que o significado emerge. Assumimos os *frames* como estrutura mental, um modelo proposicional, articulado com o que se encontra na *FrameNet*<sup>21</sup>, em que relações semânticas são mostradas. Consideramos também que os *frames* refletem experiências culturais como é mostrado nos trabalhos sobre *frame* e Doença de Alzheimer na mídia e como mostramos ao trazermos *frames* observados em situação de língua em uso, por exemplo, na divulgação científica sobre a doença estudada. Essa parte cultural é

<sup>19</sup> No original: “[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits [...]”.

<sup>20</sup> No original: “[...] the frame or background against which the meaning of a word is defined and understood is a fairly large slice of the surrounding culture, and this background understanding is best understood as a ‘prototype’ rather than as a genuine body of assumptions about what the world is like.”

<sup>21</sup> Disponível em: [https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/framenet\\_search](https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/framenet_search). Acesso em: 03 mar. 2021.

relacionada à importância do conhecimento de mundo para a realização da atividade inferencial ao pensarmos em *frames*.

George Lakoff, em 1987, refletiu sobre os *frames*, bem depois de ter lançado o livro seminal, *Metaphors we live by (Metáforas da vida cotidiana)*, juntamente com Mark Johnson, em 1980. Para Lakoff (2004, p. xv, tradução nossa<sup>22</sup>), “*frames* são estruturas mentais que moldam a forma como vemos o mundo”. Lakoff (1987) lembra que os *frames* são sinapses do nosso cérebro e se encontram de forma física no nosso sistema neural. A referência ao livro de Lakoff e Johnson (1980) é importante, pois foi nele que os autores exploraram a nova concepção de metáfora como mecanismo típico da mente, oriundo das experiências com o ambiente e com o corpóreo, visão essa diferente daquela clássica, que tratava a metáfora como mero ornamento do discurso. Para Lakoff e Johnson (1980), criadores da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a metáfora estaria instaurada a partir do domínio-fonte – mais concreto, mais próximo de nossas experiências – e do domínio-alvo – mais abstrato. Para a Semântica de *Frames*, o conceito de metáforas é interessante, já que elas ajudam a construir aqueles.

#### 4. Percurso metodológico

Foram considerados um conjunto de dezesseis jornais brasileiros e norte-americanos na nossa análise. São eles: Correio Braziliense, Diário Catarinense, Folha de S.Paulo, Gazeta do Povo, O Estado de São Paulo, O Globo, O Liberal, Portal O Dia, *Chicago Tribune*, *Denver Post*, *Los Angeles Times*, *NBC News*, *New Jersey Herald*, *The New York Times*, *The Washington Post*, *USA Today*. Construímos um *corpus* com 651 textos autênticos *on-line* brasileiros e 651 textos autênticos *on-line* norteamericanos, retirados dos *sites* dos periódicos supracitados, totalizando 1.302 textos. Escolhemos matérias publicadas nas seções Saúde e *Health*, Ciência e *Science*, Sua vida, Estilo de vida, *Lifestyle* dos jornais analisados, devido à fácil acessibilidade promovida pelos *sites* dos jornais escolhidos, no período de coleta escolhido – de 01/01/2011 a 01/07/2017 – o que permitiu consultar várias vezes os textos que integram o *corpus* da investigação.

Utilizamos um *software* como parte do auxílio para seleção das expressões metafóricas, a saber, o *AntConc*<sup>23</sup> e suas ferramentas. As principais ferramentas

<sup>22</sup> No original: “frames are mental structures that shape the way we see the world.”

<sup>23</sup> Trata-se de uma ferramenta de análise de *corpus freeware* para concordância e análise de texto.

disponibilizadas pelo software para nossa análise são “*concordance* ou concordanciador”, “*collocates* ou colocados”, “*cluster/N-gramas*”. A partir de então, entendermos as metáforas – seus domínios experienciais (fonte e alvo) – e os *frames*.

Analizamos quais seriam as duzentas primeiras palavras mais frequentes nos *corpora* para decidirmos pelas palavras lexicais ou de conteúdo como parâmetro de análise. Essas listas são importantes, pois elas apresentam, por meio da seleção de palavras lexicais para a análise, o caminho de veículos metafóricos candidatos, quais delas (palavras) revelariam metáforas mais relevantes para se pensar sobre a Doença de Alzheimer. Além do mais, reunimos essas palavras, a fim de constituirmos grupos semânticos, e isso permitiu que pudéssemos delimitar os *frames* mais prototípicos. Em seguida, buscamos os principais colocados dessas palavras, ou seja, observamos as palavras à direita e à esquerda, que são mais frequentes na ocorrência com um nódulo. A seguir, delimitamos as linhas de concordância das palavras ou expressões objeto dessa análise (palavras lexicais) e seus colocados. A concordância possibilita a realização de uma listagem de ocorrência de uma dada palavra de busca em um *corpus*. Essa palavra fica centralizada e possui contextos em ambos os lados (esquerdo e direito).

No que tange à análise dos *frames*, aproveitamos as considerações iniciais de Fillmore (1982, 2006), e partindo de uma perspectiva cultural, utilizamos os pressupostos teóricos de Kirkman (2006), Van Gorp e Vercruyse (2012), Johnstone (2014) e Peels (2014). A ferramenta *FrameNet*<sup>24</sup> nos ajuda na delimitação dos elementos centrais que formam os enquadres de acordo com os itens lexicais, relacionados ao domínio-fonte, tidos como metafóricos. Metodologicamente, escolhemos a *FrameNet* norte-americana. Sendo assim, a partir da seleção, de itens lexicais considerados colocados junto ao nódulo Alzheimer, com a assistência do *AntConc*, traduzimos esses itens em língua portuguesa para a língua inglesa, já que o *site* está em inglês. Aferimos, dentre as alternativas dadas pela ferramenta, qual seria o *frame*, com os elementos centrais, mais indicados para

---

<sup>24</sup> O *FrameNet*, um projeto do Instituto Internacional de Ciência da Computação, da Universidade de Berkeley, em ativa desde 1997, é um banco de dados lexicais da língua inglesa, disponível gratuitamente para *download*, com base na anotação de exemplos de palavras usadas em textos autênticos. A referência teórica para a constituição do *FrameNet* é a Semântica de *Frames*, de Charles Fillmore (1976, 1977, 1982), Fillmore e Baker (2001 e 2010). A ferramenta funciona como uma espécie de dicionário, contendo 13.000 acepções das palavras que compõem esse banco de dados. Nela, há mais de 200.000 frases ligadas a mais de 1.200 enquadres semânticos ou *frames*, o que consideramos suficiente para nossa pesquisa, que demanda a identificação de *frames* segundo o item lexical ou colocado, que se encontra relacionado à palavra Alzheimer.

traduzir o *frame* relacionado à metáfora presente na linha de concordância apresentada pelo concordanciador que usamos.

## 5. Representações da Doença de Alzheimer em jornais *on-line*

Assim como ocorreu com a tuberculose, o câncer e a Aids, que foram doenças relatadas por Sontag (1984, 1989) como estigmatizadas por via da linguagem nos meios em que eram veiculadas informações sobre elas, observamos que, com a Doença de Alzheimer, a estigmatização e o conseqüente preconceito sobre os pacientes perduram. O que de comum existe na prática da perpetuação da intolerância sobre essas doenças é o fato de, em algum momento, serem desconhecidos a etiologia e o tratamento dessas enfermidades, o que as tornou e as torna, para Sontag, “a pior doença” assim como a Doença de Alzheimer.

Recorremos aos postulados de alguns estudiosos para estabelecer uma revisão bibliográfica sobre um dos temas cruciais deste artigo – Doença de Alzheimer e jornal *on-line*. Atentando-nos aos trabalhos de representação da Doença de Alzheimer em jornais, estamos adquirindo insumos para nossa reflexão sobre as representações mentais relacionadas a essa doença. Em termos de representação da Doença de Alzheimer, tomamos como referência trabalhos preliminares sobre como a Doença de Alzheimer é tratada de forma midiática a partir dos estudos de autores estrangeiros como Kirkman (2006), Van Gorp e Vercruyse (2012), Johnstone (2014) e Peel (2014).

Atualmente, os jornais e a mídia, em geral, têm sido responsáveis pela veiculação de representações metafóricas calcadas em clichês – sobremaneira aquelas relacionadas à ideia de perda – sobre a Doença de Alzheimer. O fenômeno de se noticiar a Doença de Alzheimer, no entanto, é recente, como afirma Kirkman (2006), porque foi impulsionado por associações de advocacia e de amparo aos pacientes da Doença de Alzheimer e seus familiares, o que justifica a multiplicidade de bibliografia que trata sobre esse caso. Como o jornal desempenha papel importante de influenciar a vida das pessoas, uma vez que a maioria delas tem apenas esse meio como fonte de informação, as imagens sobre essa enfermidade neurodegenerativa do cérebro acabam por moldar o que o público não especialista sabe sobre a doença. A consequência dessas representações é que “a mídia (especialmente jornais e televisão) tem desempenhado um papel influente na formação do que as pessoas pensam e acreditam sobre a Doença de Alzheimer e onde ela deve estar



situada no debate sobre a eutanásia.” (JOHNSTONE, 2014, p. 23, tradução nossa<sup>25</sup>). Esse fato se dá devido à imagem da Doença de Alzheimer ser tão negativa, pois a patologia tira tudo do paciente, de acordo com as veiculações midiáticas, e que a melhor solução para essa enfermidade sem cura seria o suicídio assistido.

Para ilustrarmos a veiculação da noção negativa da Doença de Alzheimer, segue o exemplo (3).

(3) Cerca de 5 milhões de pessoas nos EUA sofrem de doença de Alzheimer [...]. (LOS ANGELES TIMES, 2014, t.x.t., tradução nossa<sup>26</sup>)

No exemplo acima, por meio do colocado sofrem, fica evidenciada a metáfora DOENÇA DE ALZHEIMER É FARDO. Essa metáfora, além de mostrar o lado negativo da enfermidade, por intermédio do uso do item lexical sofrem à esquerda da palavra Alzheimer, chama a atenção para o sofrimento que é ter a enfermidade para o paciente e para seus familiares em um contexto de ausência de cura efetivamente comprovada por via dos estudos científicos. Essa metáfora evoca a necessidade de tratamentos, a fim de que a doença possa ser tratada ou curada de tal forma que deixe de ser um sofrimento para todos.

Sobre a Doença de Alzheimer e o jornal, Kirkman (2006) produziu um estudo sobre quinze jornais da Nova Zelândia, com 1327 artigos publicados, no período de cinco anos, e tentou delimitar os padrões de representação da doença segundo os discursos que os licenciam, como os da biomedicina, da idade e do gênero. A partir de análise qualitativa, bem como preconizado por Sontag (1984, 1989), o autor constatou que o jornal tem um poderoso papel de veicular estereótipos, sobretudo, aqueles envolvendo idade e demência, aqueles envolvendo o paciente com a Doença de Alzheimer, além de disseminar a desesperança, pois o fato de a enfermidade não ter cura, ou a falsa esperança quanto a resultados de pesquisas ainda inconclusas – como a da possível cura da doença por uma vacina – são veiculados no jornal. Além disso, Kirkman (2006) tem associado ao jornal a função de mostrar uma nuance negativa dos cuidados domiciliares promovidos

---

<sup>25</sup> No original: “The media (especially newspapers and television) has played an influential role in shaping what people think and believe about Alzheimer’s disease and where it should be situated in the euthanasia debate.”

<sup>26</sup> No original: “About 5 million people in the U.S. suffer from Alzheimer’s.”

por profissionais de saúde como mostram as condições não adequadas de casas de repouso que abrigam os idosos doentes.

As principais representações metafóricas sobre a Doença de Alzheimer, na perspectiva de Kirkman (2006, p. 75, tradução nossa<sup>27</sup>), são de “a doença do século”, “a ladra de mentes”, “o interminável funeral”, “uma morte lenta da mente”. Para ilustrar o que Kirkman (2006) enuncia, o exemplo (4) a seguir mostra como, na divulgação científica um trecho ocorre para mostrar uma metáfora de guerra.

(4) [...] os pesquisadores do instituto [...] usaram um tipo especial de exame de ressonância magnética [...] para analisar a substância branca nos cérebros de 53 pacientes com três formas atípicas do mal de Alzheimer: a que acomete precocemente suas vítimas (EOAD, também na sigla em inglês) [...]. (O GLOBO, 2015, t.x.t.).

Na passagem acima, os itens lexicais acomete e vítimas são relacionados à noção de metáfora de GUERRA, e a doença é tida como criminosa, aquela que ataca e faz vítimas, no caso os pacientes que sofrem e são torturados pela doença. Para se referir à doença, é utilizado o domínio-fonte GUERRA para se referir ao domínio-alvo PACIENTE, formando assim a metáfora PACIENTE É VÍTIMA. Esse enquadre da doença associada à ideia de guerra é construído pelo uso dos colocados ou itens lexicais acomete e vítima à direita da palavra Alzheimer para criar a ideia de prejuízo pessoal causado pela Doença de Alzheimer quando a vítima é “roubada” em sua totalidade por essa enfermidade.

As representações metafóricas negativas acima mencionadas servem para colocar o paciente na condição de vítima da doença, uma espécie de alvo. Kirkman (2006) afirma que, em alguns casos, foram encontrados fragmentos em que a Doença de Alzheimer é referida na voz passiva e a partir da metáfora de GUERRA. Em geral, a ideia predominante, nos textos divulgativos, é de que a doença precisa ser combatida e seus sintomas também, porque pacientes são relatados como agressivos, o que justificaria a força empregada por cuidadores, suas vítimas, para contê-lo. O uso da linguagem no jornal reforça a necessidade da violência contra a doença para que ela não tenha mais alvos. Ademais, é possível verificar o uso de metáforas militares para se referir às

---

<sup>27</sup> No original: “disease of the century”, the “mind robber”, the “never-ending funeral”, and a “slow death of the mind”.

descobertas do campo científico quanto ao tratamento contra a doença. Para ilustrarmos essa afirmação, partimos da passagem (5).

(5) Pesquisa desenvolvida na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP), tenta mostrar que resíduos de romã (no caso, a casca) são potentes aliados na prevenção da doença neurodegenerativa e ainda incurável. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2013, t.x.t.).

No excerto acima, o item lexical aliado, em conjunto com o item lexical potente, que determina o item aliado, diz respeito às descobertas de tratamento contra a Doença de Alzheimer, em que se experencia uma fruta – romã – como aliada de guerra da ciência contra um oponente que causa destruição – a doença. O contexto induz a pensar a fruta de maneira personificada, com um combatente poderoso a favor do exército da ciência, em prol da guerra da prevenção contra o mal, calcado no domínio-fonte GUERRA. O domínio concreto serve para explicar um domínio abstrato, não visível ao leitor da divulgação científica, relacionado à profilaxia da Doença de Alzheimer. Surge, nesse caso, a noção de INIMIGO quando se pensa no enquadre da patologia como um inimigo, ajudando a construir uma ideia negativa.

Em síntese, o estudo de Kirkman (2006) mostrou como a doença pode representar um cenário de morte social, principalmente para aqueles que tiveram a vida marcada por intensa atividade intelectual em uma sociedade “hipercognitiva”, segundo Kirkman (2006, p. 76, tradução nossa<sup>28</sup>). Os pacientes com a Doença de Alzheimer morrem na sociedade, uma vez que não possuem voz, sendo esta obtida por outros meios, com o auxílio dos familiares e dos cuidadores, por exemplo. Respalando Kirkman (2006), Behuniak (2011), que estudou a metáfora do zumbi para representar a Doença de Alzheimer, afirma que a morte social – e não a física – é preocupante, já que ela denotaria o caráter contagioso da enfermidade. Segundo ela, todos os pacientes, os cuidadores – familiares ou não familiares – e a sociedade seriam infectados pelos enfermos, no caso zumbis. O próprio fato de os jornais associarem o esquecimento à Doença de Alzheimer, já que essa é um dos traços da demência, sem que haja real ligação entre esses fatos, impõe um sinal de preconceito a quem tem a doença.

---

<sup>28</sup> Hypercognitive.

Van Gorp e Vercruysse (2012) mostram como o jornal reforça a estigmatização da Doença de Alzheimer, ao avigorar o estágio terminal da enfermidade e a incapacidade dos pacientes em se auto-gerenciar a partir de um conjunto de *frames* e *contra-frames* nos textos. Segundo os autores, os *frames* são uma forma de o jornal representar um tópico particular ou uma questão que vão para além da mente das pessoas e não é resultado de uma individualidade. O que postularam Van Gorp e Vercruysse (2012) tem relação com o que, anteriormente, Entman (1993) vaticinou sobre o uso de *frames* em periódicos. Para esse estudioso, os *frames* são ferramentas usadas pelos jornalistas, na comunicação, para decidir quais aspectos da realidade devem ser selecionados, enfocados e centralizados para tornar acessível a informação para um público geral e diverso.

Esses *frames* fazem parte do repertório de uma sociedade para serem utilizados, a fim de atribuir significado aos diversos eventos e situações. O indício de *frames*, nos textos, se dá pelo vocabulário, pela frase-chave, pela metáfora, pelas imagens e pelos argumentos que dá a medida de elementos culturais como valores, normas e arquétipos. O *corpus* da pesquisa de Van Gorp e Vercruysse (2012) foi formado por seis jornais belgas, num período de dois anos e meio, sendo a amostra composta por notícias, livros, material audiovisual e cadernos de saúde pública.

Os seis *frames* encontrados pelos pesquisadores são os cinco negativos, DUALISMO DO CORPO E DA MENTE, UNIDADE DO CORPO E DA MENTE, INVASOR, COMPANHIA DO ESTRANGEIRO VIAJANTE, PROCESSO NATURAL DA IDADE, SENTIMENTO DE MORTE E DEGENERAÇÃO, *CARPE DIEM* e INVERSÃO DE PAPÉIS; e um positivo, o da ESPERANÇA NA CIÊNCIA. Esses *frames* não foram constatados, a saber, por meio de ferramenta computacional como a *FrameNet*. Ao contrário disso, foram observados a partir de material midiático, que são relacionados e podem convergir para um *frame* central, revelando, na maior parte das vezes, uma representação negativa. Negativo ou positivo, os *frames* nos periódicos são determinados pelo *frame* médico, como apontado por Kirkman (2006), sendo o modelo biomédico também determinante para a formação de metáforas.

Na passagem (6), retirada da matéria “Estabilização de casos de Alzheimer em países ricos traz esperança”, do jornal Correio Braziliense, observamos a existência de uma metáfora que evoca um *frame* positivo em relação à Doença de Alzheimer.

(6) A estabilização do número de casos de Alzheimer e doenças afins nos países desenvolvidos lança uma luz de esperança ante essa patologia devastadora que ainda não tem cura. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016, t.x.t.).

Na passagem anterior, notamos que a expressão linguística, lança uma luz de esperança, refere-se ao discurso de cura, efetivando os poucos casos de prosódia semântica<sup>29</sup> positiva. Os domínios experienciais acionados pelos itens lexicais lança, luz e esperança e pela palavra Alzheimer nos levam a deduzir a metáfora primária BOM É CLARO, CONHECER/ENTENDER É VER, que, por sua vez, é motivada pela nossa experiência primária, corpórea com o “canal visual”, de acordo com Grady (1997), e a luz. Há, nesse exemplo, a correlação entre o ato de ver, com luminosidade, com a clareza, e o ato de conhecer a cura para a Doença de Alzheimer. O *frame* estabelecido para esse exemplo, a partir de Van Gorp e Vercruyse (2012), seria o de FÉ NA CIÊNCIA, muitas vezes, utilizado, em meio a tantas negativas representações da Doença de Alzheimer, como forma de trazer alento aos pacientes e aos seus familiares. Notamos que o *frame* FÉ NA CIÊNCIA é mais utilizado quando, no jornal, segundo Kirkman (2006), são retratados casos de pessoas mais jovens com Doença de Alzheimer, em uma clara intenção de mostrar como a ciência se esforça para que a doença, tida como uma tragédia, principalmente para os mais jovens, seja curada.

Johnstone (2014), bem como Kirkman (2006), aposta no uso de metáforas negativas para representar a Doença de Alzheimer por parte da esfera midiática e no consequente problema causado na vida dos pacientes. As metáforas encontradas pela pesquisadora constituem partes dos *frames* que permeiam os materiais midiáticos, jornal, documentário, filme e literatura acadêmico-profissional, em que há textos sobre a Doença de Alzheimer. Os *frames*, também não baseados na *FrameNet*, preponderantes em relação à ideia de perda, segundo a égide de Johnstone (2014), são o da perda do controle, perda da personalidade, perda da dignidade, perda da identidade, perda do autocontrole, perda da mente, perda da memória moral. A eles são associadas expressões linguísticas que deixam subjacentes metáforas, sendo que esses usos da língua são feitos por quem não

---

<sup>29</sup> O conceito de prosódia semântica, um fenômeno léxico-gramatical, postulado inicialmente por Louw (1993) e citado posteriormente por Sinclair (1993), diz respeito à possibilidade de um colocado estar acompanhado de um grupo semântico de palavras ou com uma palavra em específico. Essa prosódia pode ser positiva ou negativa.

possui a Doença de Alzheimer. Quem a possui, de acordo com a pesquisadora, apresenta uma percepção menos negativa da enfermidade.

A noção de Doença de Alzheimer é representada também, de acordo com o que afirma Johnstone (2014), como a “marca da desgraça”, para quem a possui, revelando assim o caráter punitivo por trás dessa ideia de doença que “mata aos poucos”, “ataca a fala e a memória”, que “vitimiza os pacientes”. No exemplo (7), é efetivado o uso metafórico, por meio dos itens lexicais *cruel* e *atinge*, da noção da “marca da desgraça”.

(7) O início prematuro da doença de Alzheimer é particularmente cruel. A doença atinge alguns em seu auge, quando as carreiras estão no auge e as recompensas do trabalho de uma vida parecem finalmente estar ao alcance. (THE WASHINGTON POST, 2015, t.x.t., tradução nossa<sup>30</sup>).

Nesse caso, o uso de item lexical cruel apresenta uma carga semântica negativa e reforça a noção de causador de tragédia, ou seja, a Doença de Alzheimer fonte de sofrimento para pacientes e que está ao redor, é um inimigo. O item lexical atinge, em destaque, apresenta também uma representação semântica negativa que é transmitida à palavra Doença – Doença de Alzheimer – para mostrar a noção punitiva, em relação à humanidade, veiculada na divulgação científica, o que talvez gere na audiência, se assim pudermos afirmar, uma ideia de catástrofe anunciada a atingir milhões de pessoas no mundo. A imagem que se constrói com essa metáfora é de todos serem atingidos pelo Mal de Alzheimer que, de acordo com Johnstone (2014, p. xii), no condicionará ao status de “não-pessoa”, condição de vítimas do ataque do inimigo, que é a Doença de Alzheimer.

Johnstone (2014) destaca, assim como Kirkman (2006) e Behuniak (2010), que a doença é representada midiaticamente como um “lembrete da morte”, “uma sentença de morte” em “um funeral que nunca acaba”. Sendo assim, essas metáforas revelam um uso da linguagem que instaura socialmente o medo e, segundo Johnstone (2014, p. 33, tradução nossa<sup>31</sup>), “[...] embora não tão misteriosa quanto às moléstias da tuberculose e do câncer tal como foram originalmente compreendidas, a Doença de Alzheimer é tão

<sup>30</sup> No original: “Early-onset Alzheimer’s is particularly cruel. The disease strikes some in their prime, when careers are at their height and the rewards of a lifetime’s work at last seem within grasp.”

<sup>31</sup> No original: “[...] although not as mysterious as tuberculosis and cancer were originally perceived to be, and although not contagious, Alzheimer’s disease is nonetheless just as feared and just as strongly felt to be contagious, literally and morally.”

temida quanto aquelas e, embora não contagiosa, ela é fortemente sentida como tal, tanto literal como moralmente”. Essa afirmação reforça a ideia da Doença de Alzheimer como uma “catástrofe social”, caso haja o “contágio” do indivíduo pela doença.

As metáforas, para Johnstone (2014), que reforçam o conceito de contágio são a epidêmica, a de guerra e a do ladrão predatório. A metáfora epidêmica dá a ideia de mal a ser evitado, de tal maneira que as pessoas tendem a abandonar os doentes, à medida que a enfermidade avança. A metáfora de GUERRA, segundo Sontag (1984), tem sido amplamente utilizada no que concerne à doença, desde o século XVIII, quando bactérias foram postas como invasoras do corpo humano que deve lutar contra a infecção. A metáfora de ladrão predatório está associada à metáfora criminal para dar “ ‘legitimidade e até urgência’ a outras metáforas, como metáforas de guerra e metáforas de batalha, ou ‘ação agressiva armada e justa’, que precisa ser tomada contra os infratores (por exemplo, caçadores furtivos, predadores, piratas e parasitas).” (LOUGHLAN, 2006, p. 219). A doença é sempre posta como vencedora, e o paciente se sente desmoralizado perante ela.

Essa situação gera, na opinião pública, o que o autor chama de “política de paranoia”, de tal maneira que há influência no comportamento, na percepção pública da doença, gerando atitudes sociais voltadas para a desumanização e a desmoralização da figura do paciente. O resultado disso é o crescente discurso em prol da eutanásia, que daria ao enfermo da Doença de Alzheimer a dignidade que ele perdera e a justa morte, além de tirá-lo da condição de ter “a pior das doenças”. Em suma, as metáforas sobre a Doença de Alzheimer são bem-sucedidas para mostrar como a enfermidade é uma questão de saúde pública e uma prioridade de saúde global.

Por fim, Peel (2014) observa, em um *corpus* de 350 artigos de jornais britânicos de entrevistas detalhadas com cuidadores formais, a partir da abordagem discursiva, as representações metafóricas da demência. Segundo a autora, há dois discursos predominantes e paradoxais na representação da demência: o do bem-estar, apesar de se viver com a Doença de Alzheimer; e aquele relacionado ao pânico e à catástrofe de uma doença social. Peel (2014) mostrou como esses discursos convergem no jornal impresso britânico sobre representações culturais da demência, assim como enfatiza o uso da linguagem como decisivo ideológico-politicamente na construção da identidade da Doença de Alzheimer.

Uma das metáforas relacionadas à doença é da bomba a explodir – uma bomba demográfica prestes a explodir, uma “ameaça ou uma catástrofe iminente” (PEEL, 2014,

p. 890, tradução nossa<sup>32</sup>) – de tal maneira que há emergência para a erradicação da demência. O uso nos jornais de expressões como “assustadora”, “terrível”, “bomba ou bomba-relógio” revela metáforas hiperbólicas que traçam um quadro de alarde que se deve à falta de cura para a demência. Esta é representada nos jornais quase sempre como uma bomba, e o paciente é uma vítima da doença, avassalado como por um tsunami. No excerto (8), o divulgador usa a metáfora DOENÇA DE ALZHEIMER É PROJÉTIL.

(8) “O número de pessoas que têm Alzheimer está realmente explodindo neste país”, disse Karen Postal, uma neuropsicóloga da área de Boston que estudou a prevalência de armas nos lares de pessoas com demência e agora aconselha as famílias a remover armas de fogo. (THE NEW YORK TIMES, 2016, t.x.t., tradução nossa<sup>33</sup>).

Nesse caso, a Doença de Alzheimer é relatada como uma catástrofe iminente, além de a patologia ser relatada como algo crescente, o que se agrega à noção de progresso da doença. Há, nesse caso, a evidência de, para Peel (2014, p. 890, tradução nossa<sup>34</sup>), uma “metáfora demográfica de ‘bomba-relógio’”, isto é, uma bomba prestes a explodir, uma doença em franca expansão. Nessa situação, a divulgação científica contribui para criar, no público não especialista, a expectativa de a ciência encontrar meios para barrar o avanço dessa doença por meio de pesquisas. No uso do item lexical explodindo, que ajuda a construir a prosódia semântica negativa voltada para a ideia de destruição, “[...] a força se move para todas as direções, criando um número de caminhos potencialmente infinitos.” (JOHNSON, 1987, p. 43, tradução nossa<sup>35</sup>). Predomina, no jornal, o discurso da culpabilização da vítima da Doença de Alzheimer quando algumas matérias jornalísticas versam sobre como se prevenir o mal a partir de hábitos de vida saudáveis. Esse uso metafórico serve mais ainda para fomentar a mácula que envolve a Doença de Alzheimer.

Resumidamente, Peel (2014) identificou a preponderância em jornais de dois discursos sobre a Doença de Alzheimer: um que apela para a metáfora da epidemia, já observada por Johnstone (2014); e outro, que se relaciona com o conceito de prevenção

<sup>32</sup> No original: “a threat or imminent catástrofe.”

<sup>33</sup> No original: ““The number of people who have Alzheimer’s is really exploding in this country,” said Karen Postal, a Boston-area neuropsychologist who has studied the prevalence of guns in the homes of people with dementia and now counsels families on removing firearms.”

<sup>34</sup> No original: “Demographic time-bomb metaphor.”

<sup>35</sup> No original: “[...] the force moves off in all directions creating a potentially infinite number of paths.



da doença. Esta se torna um problema, na medida em que individualiza a responsabilidade em se tratando da doença cuja manifestação é inevitável.

### **Considerações finais**

Ao retomarmos a nossa hipótese de que a coincidência no uso das metáforas brasileiras e norte-americanas, relacionadas à ideia negativa, seria resultado da influência do modelo biomédico tradicional, confirmamos a nossa previsão inicial. Como foi previsto, por via dos dados e das reflexões teóricas propostas, o modelo biomédico se vale essencialmente de metáforas do domínio GUERRA, altamente entrincheiradas na língua. Esse modelo é baseado, contemporaneamente, na concepção de doença como um cerco, uma entidade contrária ao paciente, que sofre com os maus-tratos da enfermidade. No modelo biomédico, acabar com a doença é ser avesso àquilo que prejudica o paciente. Sendo assim, confirmamos com as metáforas do domínio GUERRA, não somente a hipótese levantada, como ainda respaldamos a nossa reflexão teórica sobre a presença das metáforas no sistema, uma vez que, se até mesmo o texto científico, quer dizer, o modelo biomédico usa metáforas, estas são inconscientes, atreladas ao pensamento, portanto, inevitáveis e imprescindíveis no discurso de divulgação científica, um desdobramento do discurso científico. É por causa do modelo biomédico, acionado pelo jornal, para fazer divulgação científica, que algumas metáforas e alguns *frames* são similares nos dois corpora. Se é o modelo biomédico que ancora a produção do texto de divulgação científica, então, poderíamos confirmar a hipótese de que a produção da materialidade midiática seria mais articulada com uma noção globalizada de se fazer divulgação científica.

Observamos que, além de esses recursos cognitivos serem atribuídos à função de informar dados técnicos por intermédio da recontextualização, eles podem veicular, nos jornais, como evidenciamos na nossa análise, estigmas e imagens negativas sobre a enfermidade, o que contribuiria para a formação de imagens mentais desalentadoras sobre a doença por parte da esfera não especialista, ou seja, do público geral. Por isso, na divulgação científica, surgem expressões que revelam a doença como um fardo, um peso, uma dificuldade e uma aflição para todos os envolvidos no processo de adoecimento.

Por fim, concluímos que o trabalho apresenta como uma das contribuições importantes o estudo das metáforas e dos *frames* sobre a Doença de Alzheimer, o que é um diferencial frente aos trabalhos anteriores que tematizaram outras doenças. Além

disso, o trabalho apresenta relevo por evidenciar as representações negativas sobre a doença em contexto midiático. No que tange às limitações do trabalho, reconhecemos que a discussão sobre a relação existente entre metáfora e cultura, como já pontuou Kövecses (2005), foi insuficiente. Percebemos que faltou maior destaque para o debate cultural quando analisamos quatro das nossas cinco hipóteses relacionadas a esse aspecto. Julgamos que seria necessária outra pesquisa mais específica e aprofundada em que pudessemos estabelecer um paralelo mais seguro sobre questões de conceptualização metafórica e universalidade, cultura e variação metafórica, conceptualização metafórica e expressões linguísticas na cultura brasileira e na norte-americana.

## Referências

- ALVES, L. *et.al.* Alzheimer's disease: a clinical practice-oriented review. *Frontiers in Neurology*, v. 3, p. 1-20, abr. 2012.
- BARRETO, P. de S. Alzheimer's Disease: Learning From the Past, Looking to the Future. *American Journal of Alzheimer's. Disease & Other Dementias*, v. 28, n. 4, p. 304-305, 2013.
- BEHUNIAK, S. M. The living dead? The construction of people with Alzheimer's disease as zombies. *Ageing & Society*, v. 31, n. 1, p. 70-92, 2011.
- CAVALCANTI, J.P. de S.; ENGELHARDT, E. Aspectos da fisiopatologia da doença de Alzheimer esporádica. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 48, n. 4, p. 21-29, 2012.
- CIAPUSCIO, E.G. De metáforas durmientes, endurecidas y nômade: um enfoque linguístico de las metáforas em la comunicación de la ciencia. *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, Madrid, Espanha, v. 187, n. 747, p. 89-98, 2011.
- CIPRIANI G, DOLCIOTTI C, PICCHI L, BONUCCELLI U. Alzheimer and his disease: a brief history. *Neurological Sciences*, v. 32, n. 2, p. 275-279, Apr. 2011.
- CASSANY, D.; LÓPEZ, C; MARTÍ, J. Divulgación del discurso científico: la transformación de redes conceptuales. Hipótesis, modelo y estrategias. *Discurso y sociedad*, v. 2, n. 2, p. 73-103, 2000.
- COSTA JUNIOR. D. F. da. *O modelo cognitivo idealizado da ansiedade e suas materializações na linguagem*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- DEMMEN, J. *et.al.* A computer-assisted study of the use of Violence metaphors for cancer and end of life by patients, family carers and health professionals. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 20, n. 2, p. 205-231, 2015.

- ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FARIA, P. L. A falsa inocência da linguagem ou a procura da metáfora certa em Saúde: Reflexão sobre a importância da linguagem dos direitos e da ética no Sistema de saúde. *Direito da Saúde*, v. 25, n. 1, p. 101-115, 2007.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. In: HARNAD, S.R.; STELIS, H.D; LANCASTER, J. *Origins and Evolution of Language and Speech*. v. 280. Annals of the NY Academy of Sciences. p. 20-32, 1976.
- FILLMORE, C. J. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. *Linguistics Structures Processing*. Amsterdam and New York: North Holland Publishing Company, 1977. p. 55-81.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: *Linguistics in the morning calm: selected papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 111-137.
- FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400.
- FILLMORE, C. J.; BAKER, C. F. Frame semantics for text understanding. *Proceedings of WordNet and Other Lexical Resources Workshop*. Pittsburgh: NAACL. 2001, p.59-63.
- FILLMORE, C. J. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press Inc, 2010. p. 313-341.
- GRADY, J. *Foundations of Meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1197. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.
- GWYN, R. “Captain of my own ship”: Metaphor and the discourse of chronic illness. In: CAMERON, L.; LOW, G. (ed.). *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 203-220.
- HALPERT, P.B. Development of the term “senility” as a medical diagnosis. *Minn Med*, v. 66, n. 7, p. 421-424, jul. 1983.
- JOHNSTONE, M. J. *Alzheimer’s Disease, Media Representations and the Politics of Euthanasia: Constructing Risk and Selling Death in an Ageing Society*. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2014.
- KIRKMAN, A. M. Dementia in the news: the media coverage of Alzheimer’s disease. *Australasian Journal on Ageing*, v. 25, n. 2, p. 74-79, Jun. 2006.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Don't think of an Elephant!: Know your values and frame the debate*. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LIMA, P. L. C. About primary metaphor. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), São Paulo, v. 22, n. Especial, p. 109-122, 2006.

LOUGHLAN, P. Pirates, parasites, reapers, sowers, fruits, foxes. The metaphors of intellectual property. *Sydney Law Review*, v. 28, n. 2, p. 211-226, 2006.

LOUW, W. E. Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 157-176.

MORATO, E.M; SIMAN, J.E. Metáforas da Doença de Alzheimer: entre o metadiscorso científico e a vida cotidiana. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, p. 1-27, jul. 2015.

PEEL, E. 'The living death of Alzheimer's' versus 'Take a walk to keep dementia at bay: representations of dementia in print media and carer discourse. *Sociology of Health & Illness*, v. 36, n. 6, p. 885-901, 2014.

SEMINO, E. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO, E. *et.al.* The online use of violence and journey metaphors by patients with cancer, as compared with health professionals: a mixed methods study. *BMJ Supportive & Palliative Care*, v. 4, suppl.1, p. 1-7, 2015.

SEMINO, E.; DEMJÉN, Z.; DEMMEN, J. An Integrated Approach to Metaphor and Framing in Cognition, Discourse, and Practice, with an Application to Metaphors for Cancer. *Applied Linguistics*. Oxford University Press, p. 1-22, 2016.

SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. 'The Cancer Card: metaphor, intimacy and humour in on-line interactions about the experience of cancer'. In: HAMPE, B. (ed.): *Metaphor: Embodied Cognition and Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 181-199.

SINCLAIR, J.M. Written discourse structure. In: SINCLAIR, J.M; HOEY, M.; FOX, G. (ed.). *Techniques of Description*. London: Routledge, 1993. p. 6-31.

SONTAG, S. A. *Doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SONTAG, S. *AIDS e suas metáforas*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TORACK, R.M. The early history of senile dementia. *In: REISBERG, B. (ed.). Alzheimer's disease*. New York: Free Press, 1983. p. 23-28.

VAN GORP, B.; VERCRUYSSSE, T. Frames and counter-frames giving meaning to dementia: a framing analysis of media content. *Social Science & Medicine*, Amsterdam, v. 8, n. 74, p. 1274-1281, 2012.

WOODARD, J.S. Alzheimer's disease in late adult life. *Am J Pathol*, v. 6, n. 49, p. 1157-1169, 1966.